

Potencialidades de uma educação libertária

José Maria Carvalho Ferreira*

Resumo: Este texto procura, no primeiro momento, abordar questões relativas à crise educacional da sociedade capitalista cada vez mais representativa nos processos de aprendizagem social. A hierarquia da autoridade, a divisão social do trabalho, o exercício do poder e a desigualdade de rendimentos decorrentes das funções e tarefas exercidas nas escolas e universidades são propícias ao surgimento de desigualdade e de estrangulamento da liberdade que conduzem à conflitualidade. A partir das contingências da atual crise do modelo educacional e pedagógico do capitalismo, num segundo momento, o texto procura explicitar algumas das potencialidades da educação libertária enquanto educação integral, autogestionária e, finalmente, com uma visão universal.

Abstract: This text at the first moment, searches for approaching to questions with relation to the educational crisis of the capitalist society more and more representative in the social learning process. The hierarchy of the authority, social division of work, the exercise of the authority and inequality of incomes happen because of the functions and task practiced at schools and universities are propitious for the appearance and suffocation of liberty that conduct the conflictuality. From the contingency of the actual crisis of the educational model and pedagogical of the capitalism, on a second moment, the text searches for state some of the potentialities of the libertary education while integral education, selfmanagemental and, finally, with one universal vision.

Unitermos: crise educacional, racionalidade instrumental, escola e universidade, novas tecnologias, educação libertária, revolução social.

Nas suas múltiplas vertentes, a educação ministrada nos diferentes níveis de ensino da sociedade capitalista é atravessada por uma grande crise. É uma crise que tende a agravar-se, na estrita medida em que a

* Professor da Universidade Técnica de Lisboa/Portugal.

10 • José Maria Carvalho Ferreira

pedagogia e os conhecimentos subjacentes à racionalidade instrumental do capitalismo produzem efeitos perversos. A visibilidade destes efeitos perversos está bem patente no aumento das taxas percentuais de analfabetismo funcional dos indivíduos, na inadequação dos saberes adquiridos face às exigências das funções e tarefas relacionadas com a produção de bens e serviços das organizações e instituições, na manifesta incapacidade da aprendizagem desenvolvida nas escolas e nas universidades em servirem de modelo de socialização, de controle e de integração social, e enfim, na deterioração do valor mercantil dos diplomas escolares, em termos de prestígio, poder e dinheiro.

Desde que a escola se submeteu à lógica da racionalidade instrumental do capitalismo, não somente os currículos das disciplinas passaram a ser determinados pelos saberes profissionais inscritos na divisão do trabalho das empresas, como também passaram a enformar os saberes que constituem a divisão social do trabalho da sociedade, assentes na hierarquia da autoridade e na opressão e exploração do homem pelo homem. Todavia, contrariando esses imperativos básicos, nas sociedades capitalistas desenvolvidas assiste-se à desintegração progressiva dos seus princípios e práticas. A oferta e a procura dos produtos educacionais, estando submetida aos mecanismos normativos do mercado, é determinante em todo o processo. Postulados científicos, pedagogias, cursos, disciplinas, professores, alunos e funcionários tornam-se, assim, meros objetos de adaptação a uma realidade externa de natureza contingente e alienante.

A estruturação do analfabetismo funcional é passível observar através das formas e conteúdos dos conhecimentos adquiridos pelos alunos nas escolas. Estes, sendo sujeitos passivos de uma aprendizagem que não tem em conta a sua inteligência, a sua criatividade e espontaneidade, limitam-se a assimilar matérias que não compreendem e muitas vezes sujeitas a uma mera memorização. A desconexão entre a teoria e a prática, entre os conhecimentos ministrados e a vida quotidiana, entre o “saber-fazer” dos indivíduos escolarizados, as exigências de qualificação e a sua inserção profissional no mercado do trabalho, são as manifestações mais evidentes que demonstram, de forma inequívoca, que os indivíduos não sabem utilizar de uma forma racional e eficiente tudo o que aprenderam. Na verdade, sendo serventuários de uma realidade externa que lhes escapa, transformaram-se em objetos expectantes e ignorantes quando utilizam o seu conhecimento para descodificar os mecanismos complexos da ciên-

Potencialidades de uma educação libertária • 11

cia, das novas tecnologias, das grandes cidades e da sociedade. Os indivíduos e os grupos que se encontram numa situação de analfabetismo funcional são constrangidos a sobreviverem em condições humanas paupérrimas e alienantes. A sua dependência e submissão em relação ao poder do Estado, do patronato, da religião e dos “media” é assustadora. É este analfabetismo funcional que explica, em grande medida, a falta de vitalidade de movimentos sociais que lutam contra as injustiças e a desigualdade social e procuram a sua emancipação social.

Um segundo fator que nos ajuda a explicitar a atual crise do sistema de educação capitalista é observado no defasamento que existe entre o ensino ministrado nas escolas e as capacidades intrínsecas do fator de produção trabalho, quando este é confrontado com as exigências de qualificação e do exercício de uma profissão para executar as funções e tarefas que decorrem do funcionamento das organizações e instituições. As contingências das novas tecnologias, assim como as mudanças econômicas, sócio-culturais e políticas, são importantíssimas neste domínio. As escolas e outras instituições de formação desenvolvem um tipo de ensino que não se coaduna com o “saber-fazer” que é exigido pelas novas tecnologias. Estas, ao integrarem nos seus mecanismos automáticos uma parte substancial dos atributos que estavam centrados na ação mental e física dos trabalhadores, constrangeram-nos a mergulhar no desemprego, ou então foram objeto de uma reciclagem e formação com grandes repercussões na mudança da estrutura qualificacional do fator de produção trabalho e no sistema de relações sócio-profissionais. Parte dos trabalhadores assalariados engrossam o contingente de desempregados, uma outra parte é objeto de uma desqualificação, e uma outra pode enveredar por uma maior qualificação. Nestes termos, podemos observar que a natureza da educação ministrada nas escolas e nas universidades não se identifica com o perfil qualificacional e profissional dos trabalhadores assalariados que funcionam como fator de produção trabalho na sociedade capitalista.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, verifica-se que a crise educacional da sociedade capitalista é cada vez mais representativa nos seus processos de aprendizagem social. A educação, estando identificada com a racionalidade instrumental do capitalismo, espartilha o trabalhador em atividades e saberes separados. Não admira, portanto, que nas escolas e universidades se desenvolva um tipo de ensino e de conhecimen-

12• José Maria Carvalho Ferreira

tos acrílicos e apoloéticos dos valores e da ideologia da sociedade vigente, e que exista um constrangimento e uma orientação para inculcar um conjunto de saberes técnicos e especializados, por forma a adquirir um diploma que se ajusta às exigências do mercado. Os alunos assimilam, desse modo, um tipo de conhecimento e saberes restritos e logicamente desligados da sua vida quotidiana e da sociedade. As formas e os conteúdos do ensino e da pedagogia que enformam as relações sociais das escolas e das universidades têm características autoritárias, fomentando a dominação e a alienação nas relações entre professores, alunos e funcionários. A construção da realidade social nas escolas é estruturada por um processo de socialização, de controle e de integração social assente no poder discricionário dos professores sobre os alunos e os funcionários, e, em última instância, destes sobre os alunos. A hierarquia da autoridade, a divisão do trabalho, o exercício do poder, e a desigualdade de rendimentos decorrentes das funções e tarefas exercidas nas escolas e universidades, são propícias à criação de situações de desigualdade e de estrangulamento da liberdade individual e coletiva que conduzem facilmente à conflitualidade. Assim, por esta via, se compreende que a pedagogia e a educação não ensinam a construir uma realidade social assente na liberdade, na solidariedade e na fraternidade entre indivíduos e grupos, por forma a permitir que a aprendizagem social resulte na formação de uma ação individual e coletiva harmoniosa e responsável. Na inexistência destes requisitos, a aprendizagem social nas escolas e nas universidades está em crise, levando a que a dominação e a repressão sejam cada vez mais utilizadas pelo Estado e por aqueles que detêm o poder nessas instituições.

Por último, hoje, verifica-se que não existe uma correspondência dos conhecimentos dados aos alunos nos diferentes níveis de ensino e o tipo de qualificações do fator de produção trabalho que são exigidas pelo mercado. Não só as empresas e outras instituições e organizações que constituem a sociedade não dão emprego às pessoas que possuem um diploma desajustado das qualificações do fator de produção trabalho que permitam um funcionamento e uma produtividade eficiente, como também todos os que obtiveram um certificado de habilitação escolar verificam que o que aprenderam não serve para nada. É um drama que tende a generalizar-se e a criar muitas frustrações aos que tinham uma série de expectativas sobre a utilidade e oportunidade de tirar um curso nas

Potencialidades de uma educação libertária • 13

escolas ou nas universidades. Personifica um tipo de situação que contraria os pressupostos da racionalidade instrumental do capitalismo. A relação entre meios e fins é deteriorada, na estrita medida em que o investimento feito em educação e formação, durante vários anos, não resultou no exercício de uma profissão conducente a um tipo de rendimento, de prestígio social, de poder e de propriedade inscritas na estrutura de estratificação social da sociedade. Neste caso, desde que as expectativas racionais dos indivíduos em relação ao valor dos conhecimentos ministrados pelas escolas e universidades evolua no sentido negativo, a tendência provável é que se destrua o mito criado sobre a utilidade irreversível de um modelo educacional feito à imagem e medida das funções e tarefas circunscritas aos imperativos do lucro e das leis do mercado da sociedade capitalista.

Nas contingências que o processo sócio-histórico capitalista tem produzido, tem-se assistido a um conjunto de reformas e mudanças com o objetivo de superar as contradições e antagonismos que o seu modelo educacional e pedagógico desenvolve. Milhares de experiências e teorias têm tentado realizar essa tarefa, porém, sem êxito, já que os seus efeitos perversos não param de aprofundar-se e de generalizar-se. Muitos pedagogos e professores, muitas escolas e universidades, e até o Estado, têm tentado mudar o modelo educacional e pedagógico, utilizando para o efeito práticas e princípios da democracia, da participação, e da organização autogestionária das escolas e das universidades. Ainda que paradoxal, até utilizam de forma inapropriada certas teorias e experiências consideradas libertárias. Neste domínio a hipocrisia é grande, pois não só os seus autores mutilam e deformam o conteúdo e as formas educacionais e pedagógicas das teorias e experiências libertárias que ocorreram na história da humanidade, como ainda as omitem.

Não sendo este o espaço para fazer o historial das teorias e das experiências libertárias que já foram desenvolvidas à escala planetária, no entanto, face às contingências da atual crise do modelo educacional e pedagógico do capitalismo, é possível explicitar algumas das suas potencialidades.

Como primeira potencialidade de uma educação libertária, observe-se a pertinência dos postulados de uma educação integral. Centrada na liberdade, criatividade, espontaneidade e responsabilidade das capacidades e possibilidades de cada indivíduo, este nunca poderá ser uma

14 • José Maria Carvalho Ferreira

entidade passiva quando assimila conhecimentos. A educação não pode ser separada do espaço-tempo da sua vida quotidiana. A mente, a psique e o corpo são elementos indissociáveis na construção e na aprendizagem de conhecimentos. A educação e a formação dos indivíduos por essa razão têm que integrar todos os aspectos que dizem respeito às suas motivações, personalidade e liberdade específicas. Mas os seres humanos, embora tenham a sua individualidade específica, são também seres sociais. Nesta assunção, são fundamentalmente uma entidade complementar e interdependente dos grupos e da sociedade onde se integram. Os conhecimentos desenvolvidos por uma educação libertária exigem um tipo de aprendizagem individual e coletiva que tenha sempre presente o estudo básico da vida em grupo e na sociedade. Sendo os elementos constituintes dos grupos e da sociedade, todos os indivíduos, sem exceção, são potencialmente sujeitos de uma ação coletiva e individual identitária, fraterna e solidária. Quando interagem ou são protagonistas de relações sociais, devem possuir um conhecimento que lhes permita decidir, participar e partilhar de uma forma livre, responsável e criativa. Para o efeito, precisam de conhecer profundamente e integralmente as suas funções de complementaridade e de interdependência nos grupos e na sociedade em que estão integrados.

Uma segunda potencialidade da educação libertária decorre da sua assunção autogestionária. Tal como já verificamos em relação ao modelo de educação capitalista, a divisão do trabalho e a hierarquia da autoridade são fontes de dominação e de alienação nas relações sociais estabelecidas entre professores, alunos e funcionários. Quem concebe, decide e controla a vida das escolas e universidades nas suas múltiplas vertentes estruturais e funcionais são os professores ou os funcionários que as dirigem. Os alunos e os funcionários subalternos vêem-se constrangidos a viver uma situação de subalternidade em todo esse processo, transformando-se em agentes passivos e submissos de uma realidade que lhes escapa, explora e oprime. A autogestão libertária, no sentido organizacional do termo, é incompatível com esse modelo organizacional. Mesmo na hipótese remota que ainda possa existir uma divisão do trabalho circunscrita às atividades específicas de professor, aluno e funcionário, a igualdade e a liberdade são elementos básicos que estruturam os direitos e deveres de cada indivíduo ou grupo na escola ou na universidade. A concepção, decisão, participação e execução das

Potencialidades de uma educação libertária • 15

atividades pedagógicas e educacionais são exercidas por alunos, professores e funcionários. Desde que se revele possível, é pacífica a rotatividade de funções e tarefas. Num dia, os professores podem exercer as funções e tarefas que lhes são específicas, mas num outro dia executam as que correspondem a funcionários e alunos e vice-versa. A autonomia, a criatividade, a espontaneidade e a responsabilidade de cada aluno, professor e funcionário é possível de ser assumida, desde que o modelo autogestionário das instituições e organizações educacionais sejam enformadas por princípios e práticas libertárias. Para consumir na vida real das pessoas, é evidente que a hierarquia da autoridade e a divisão do trabalho que existe atualmente nas escolas e nas universidades precisa de ser extinta.

Finalmente, como terceira potencialidade de educação libertária, sublinhe-se a sua visão sistêmica e universal. No âmago da perspectiva de uma educação libertária existe sempre um princípio básico: para que uma educação libertária seja plenamente realizada, torna-se imperativo realizar uma transformação radical da sociedade capitalista. Não é possível realizar-se essa transformação sem uma revolução social que extinga todas as causas que estão na base da exploração e da opressão do homem pelo homem. É uma revolução social de incidência universal, cujos propósitos emancipalistas implicam a abolição do Estado, do trabalho assalariado, da propriedade privada e do dinheiro. É sistêmica porque engloba todas as partes que constituem a sociedade. Desde as comunidades locais e regionais, passando pelas comunidades nacionais, o que se pretende é construir uma sociedade universal federada anarquicamente, sem amos e sem deuses que possam sobrepor-se à vontade soberana dos indivíduos e grupos que habitam o planeta Terra. No seu sentido amplo, as potencialidades de uma educação libertária dependem da sua capacidade em estruturar os conhecimentos que são vitais para realizar a revolução social. Por outras palavras: sem educação libertária não existe qualquer hipótese de realizar uma revolução social emancipalista, sem esta, não é possível desenvolver uma educação libertária digna desse nome.